

EDITORIAL

As mercadorias do pequeno mercado ou do *shopping center* parecem pertencer indistintamente a todos. Mas, a condição para adquiri-las pertence aos que souberam juntar as melhores forças para, em seu benefício, acumular riqueza. Para esses o mundo torna-se o reino das oportunidades a serem ampliadas e aproveitadas nessa sociedade que eles consideram justa. O bom governo seria aquele que, sensível às tendências em curso, promove e garante suas oportunidades. Reduzidos a indivíduos, ao invés de buscarmos princípios, valores e normas que elevem o espírito à condição humana, à excelência na vida pública, os homens procuram obter a maior vantagem individual. Guiados por uma vontade cega, desejam a satisfação imediata.

Numa sociedade em que o prazer, a mercadoria, o dinheiro e o poder são desejados e cultivados com tanto cuidado e obsessão, a crítica tem dificuldade de se constituir, alçar voo e abrir novos horizontes para o pensamento e a ação. Muitos lutam para que os sapatos não sejam produzidos pelo trabalho infantil nem por mão de obra escrava, enquanto outros defendem lavouras sem agrotóxicos. Ao discordarem de certos modos de vida, entretanto, não questionam a estrutura e os princípios da sociedade em que vivem, limitando-se a uma crítica bem comportada que não põe em questão a lógica do capital nem as vontades individuais.

Pensando e agindo num sentido bem diferente, os gregos da Antiguidade Clássica sabiam que a *pólis* corria sérios riscos se não colocasse limites ao indivíduo. Pércles, citado por Tucídides em *História da Guerra do Peloponeso*, afirma: "olhamos o homem alheio às atividades públicas não como alguém que cuida apenas de seus próprios interesses, mas como um inútil".¹ Buscavam, então, formar o homem público e não o indivíduo capaz de exercer uma profissão ou função específica na *pólis*. Não possuíam escolas com as estruturas que conhecemos hoje; não reduziam suas cidades a ruas, prédios, praças e mercados; não tinham príncipes, reis nem governos representativos, mas conferiam grande valor à cultura, que os distinguiu dos outros povos e os unificava.

1. TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Brasília: Ed. UnB, 1987, p. 101.

Entretanto, ao falarmos de educação e debatermos seus aspectos, geralmente estamos pensando mesmo é na escola. Valorizamos o diagnóstico: queremos saber o número de alunos, professores e funcionários, as condições das instalações físicas, qual o plano de carreira, o salário dos professores e funcionários, bem como os recursos financeiros disponíveis para possíveis reformas das instalações físicas e aquisição de equipamentos; consultamos os índices de aprovação, reprovação, desistência, evasão e repetência, de olho na unidade de medida estabelecida pelos órgãos governamentais. No fundo imaginamos que se tudo estivesse em conformidade com determinados padrões, a educação seria de boa qualidade.

Muitos acham possível o surgimento de indivíduos autônomos, livres e éticos, sem que a sociedade, a cultura, a educação e a escola e, então, também a universidade, precisem formá-los. Mais do que formar, a escola e a universidade parecem preocupadas em *treinar a mente* das novas gerações e dos adultos, transmitindo-lhes as informações e mostrando-lhes os produtos e os resultados a que a tecnociência, as letras, as artes e certa filosofia chegaram, com vistas a sua instrumentalização para serem *bem sucedidos* nas questões do dinheiro, do trabalho, do consumo e do prazer.

Sem perder de vista esses equívocos, e a eles se contrapondo como interrogação incessante do ser, do mundo, da existência humana, pessoal e coletiva, busca incansável do saber e da verdade, desvendamento do ser, afirmação daquilo que é, expressão do ser mesmo, do real e do irreal, a filosofia não perde sua dimensão interrogante que, não por acaso, está sempre no centro das preocupações dos grandes filósofos.

Os autores dos artigos deste dossiê põem essas questões em debate com o rigor próprio do texto filosófico. Se vão ao mundo da prática não é para coletar dados, classificá-los e montar tabelas e gráficos, mas para fazer teoria, que outra coisa não é senão o pensamento da prática. Ao interrogarem a cultura, a escola e a formação sabem que a realidade é contraditória e que não se consegue *resolver* seus problemas em discussões acadêmicas. Afastam-se das soluções fáceis, alertando-nos de que o caminho mais fácil ou mais curto, nunca foi o da teoria, da reflexão rigorosa e radical em busca da verdade.

ILDEU MOREIRA COELHO
GED GUIMARÃES
FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG